
A importância do letramento na perspectiva da docência

Andriely Rosa de Souza¹

Gabriele Bonotto Silva²

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a Educação Básica, especificamente sobre o processo de letramento e sua relação com a prática docente, analisando suas dificuldades e potencialidades e buscando a excelência na prática docente. O referencial teórico tem como base, pensadores que propõem a educação a partir da realidade e interesse dos alunos, assim como a continuidade da Educação Infantil para Anos iniciais. O artigo em questão apresenta uma pesquisa qualitativa, realizada na disciplina de Prática Interdisciplinar: Educação Infantil, Anos Iniciais e Educação de Jovens e Adultos, do curso de Pedagogia da Universidade Cesuca – INEDI, no primeiro semestre de 2020. Devido à pandemia ocasionada pela COVID-19, não foi possível realizar as 12 horas de observação presencial nas escolas. No entanto, a entrevista foi realizada a partir da gravação dos relatos de três professoras de modalidades diferentes, que se disponibilizaram para falar sobre suas práticas tanto nas aulas presenciais, quanto no ensino remoto. Vale ressaltar que o nome das professoras e escolas, sofreram alterações para que não fossem identificadas. Com base no relato das professoras, enviado através de vídeo, e nas leituras realizadas durante o semestre, surgiu o problema de pesquisa: “Qual a importância de trabalhar com o letramento na perspectiva da docência?”. Para analisar os dados coletados, foi realizada a interligação das falas das professoras, juntamente com os autores que compõem o referencial teórico deste artigo. Percebe-se que esta temática é de suma importância para os docentes, independentemente da faixa etária em que o aluno se encontra, visto que o objetivo maior da educação é transformar a realidade.

Palavras-chaves: Letramento; Educação Básica; Docência.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação, percebemos que houve diversas mudanças em torno dela, principalmente sobre o que envolveria a alfabetização. Durante muitos anos, devido a reflexos de contextos históricos anteriores, considerava-se alfabetizado aquele que sabia ler e escrever. Mas, em uma sociedade cada vez mais globalizada, na qual informações chegam a todo instante, saber decodificar palavras já não é mais o suficiente.

¹ Centro Universitário Cesuca. Graduanda no curso de Pedagogia. E-mail: andrielyrosasouza@gmail.com

² Centro Universitário Cesuca. Docente no curso de Pedagogia. E-mail: gabrielesilva@cesuca.edu.br

Atualmente o conceito de letramento visa ampliar a questão do ler e escrever, uma vez que o indivíduo deve ter domínio da escrita e leitura, compreendendo que ela transmite uma mensagem. Com base nos relatos das professoras, busca-se identificar a importância do trabalho com letramento, destacando esta necessidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que a Educação Infantil é o início da trajetória escolar de uma criança e que esta possui diversos saberes, cabendo ao professor ser o mediador destes conhecimentos. Há diversas metodologias que auxiliam o trabalho docente, cabendo ao professor escolher a melhor que se adapte à sua realidade escolar.

Katz (1999), defende o trabalho com projetos, desde que estes estejam relacionados à rotina e interesse da criança. A autora afirma que ao realizar este tipo de trabalho, as crianças se sentem mais confiantes e entusiasmadas a aprender, podendo assim, expor seus conceitos sobre determinado assunto, ampliando seus conhecimentos e o mais importante, participando ativamente da elaboração do projeto.

Quando o tópico de um projeto é muito familiar às crianças, elas podem contribuir para o projeto com seus próprios conhecimentos e sugerir questões a serem indagadas e linhas de investigação a seguir; as próprias crianças podem assumir a liderança no planejamento, assumir responsabilidades por observações específicas e por informações de dados coletados. (KATZ, 1999, p. 41)

Segundo Rinaldi (1991, apud KATZ, 1999) as crianças possuem contatos com diferentes materiais e atividades, e utilizam de *linguagens gráficas* para registrarem o que aprenderam. Esses recursos são utilizados durante todo o projeto, servindo de material para o levantamento de novas hipóteses.

Devido à influência da metodologia montessoriana, os professores observam as crianças: suas brincadeiras, atitudes e principalmente seus diálogos. É através de diálogos entre as crianças, que professores instigam as possibilidades de conhecimento. Como diz o autor “observar exatamente o que as crianças dizem no diálogo, de modo que o professor possa captar uma ideia e lançá-la de volta.” (EDWARDS, 1999, p. 161)

É notório as diversas diferenças em relação as escolas de Reggio Emilia, Itália, e as escolas brasileiras (EDWARDS; GANDINI; FORMAM, 1999). Obviamente, devido à realidade cultural de cada localidade, que é bem distinta, mas há pontos importantes a serem refletidos pelos educadores brasileiros. Devemos oportunizar aos nossos alunos momentos de

diálogos, agregando as informações obtidas para o crescimento cognitivo e social do grupo. Ao ler sobre a realidade das escolas de Reggio Emilia (EDWARDS; GANDINI; FORMAM, 1999), podemos perceber que através do engajamento entre o sistema público e comunidade escolar (professores, pais, alunos e demais funcionários), é possível oferecer uma educação de qualidade, respeitando e valorizando a criança, tornando-a de fato um ser crítico e ativo na sociedade.

A autora Vickery (2014), em seu livro “Aprendizagem ativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, denomina este tipo de ambiente de aprendizagem como “cultura da indagação”. Para ela, este ambiente não está restrito apenas à sala de aula, mas em toda a comunidade escolar e também no espaço virtual. Sobre isso, ela afirma que “o nosso sistema de ensino precisa responder ao desafio imposto pelos avanços tecnológicos, preparando crianças de hoje para o futuro incerto que as espera” (VICKERY, p. 53, 2014)

As crianças, ao participarem do processo de elaboração da aprendizagem, ao qual discutirão sobre temas de seus interesses, certamente sentiram-se mais motivadas. Para Pardoe (2009 apud VICKERY, 2014) é importante o professor realizar essas discussões com os alunos, fazendo-os criar o seu próprio ambiente de aprendizagem.

Para a Vickery (2014), a cultura da indagação deve-se estender durante o ensino fundamental, proporcionando as crianças uma aprendizagem significativa. Ela afirma que, “todas as disciplinas podem ser abordadas por meio de uma indagação ativa, se a abordagem for valorizada, incentivada e facilitada pelo professor.” (p. 59).

Assim como os educadores de Reggio Emilia (EDWARDS; GANDINI; FORMAM, 1999), Vickery (2014) destaca que, a criança deve ser valorizada, de modo que suas ideias sejam entendidas pelas outras crianças e pelos professores. Com isso, ela sentirá que faz parte integrante do grupo, proporcionando-lhe segurança emocional, que a auxiliará na aprendizagem.

Em 2006, a Educação básica no Brasil, passou por diversas mudanças entre elas, a duração do ensino fundamental para 9 anos. Essas e outras circunstâncias levaram os profissionais de educação e o poder público a repensar sobre o funcionamento e a qualidade do ensino.

Para refletir sobre esta questão Luiz Bazílio e Sônia Kramer (2008, apud ROVERI, 2019), sugerem a seguinte indagação: “Qual a finalidade da educação básica?”. Segundo

Roveri, esta pergunta permite compreender que a educação é um direito humano, tendo em vista que as crianças possuem suas histórias e fazem parte uma determinada cultura.

Roveri (2019) critica o fato de que, por muito tempo, não houve uma preocupação em estabelecer uma pedagogia específica para crianças pequenas, estando comprometidas com seus direitos. Devido a movimentos realizados em 1980, foram elaborados documentos que norteavam o trabalho nas creches e pré-escolas.

Ao realizar uma retrospectiva história, podemos observar que, no Brasil, houve diversas políticas de alfabetização para a infância, assim como a criação de diversos programas governamentais. O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC (2012), por exemplo, tem como objetivo a formação continuada de professores da educação básica, visando reduzir o analfabetismo de crianças até o 3º ano do ensino fundamental.

Apesar da implementação do programa em diversos municípios, Roveri afirma que “sem a devida compreensão de seus objetivos e funcionamento por partes dos gestores e professores da Educação Infantil, fato este que pode significar a ameaça da Educação Infantil.” (p. 269, 2019). O fato de não haver uma reflexão e organização pedagógica da escola, a qualidade da educação é afetada significativamente.

Vale destacar que houve um aumento significativo na reprovação de alunos do Ensino Fundamental entre os anos de 2003 e 2009. Para as autoras Arelaro, Jacomini e Kelin (apud ROVERI, 2019) é necessária uma reflexão sobre o aumento de reprovações, assim como o estado emocional da criança. Roveri (2019) afirma que, apesar das etapas da Educação Básica possuírem objetivos e trabalhos pedagógicos específicos, suas práticas devem respeitar à necessidade das crianças.

Para Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo procede a leitura da palavra” (FREIRE, p. 9, 1989), pois, primeiro compreendemos o mundo em que estamos inseridos e a partir dele, o conhecimento de palavras. Ainda segundo o autor, ler não implica apenas em codificar palavras, mas de forma crítica relacioná-las em outros contextos.

Em seu livro “A Importância do ato de ler”, Paulo Freire (1989) afirma que a compreensão crítica do ato de ler se dá através da prática. O autor reflete sobre muitos professores possuírem uma visão errônea no que implica ao ato de ler, pois acreditam que os alunos devem ler diversos livros, como se a decodificação de palavras fosse a fonte de conhecimento.

Sobre a alfabetização de adultos, Freire (1989) afirma que ela é um ato político e de conhecimento. Sendo assim, a alfabetização não deve ser algo mecânico, pois o “ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização, tem no alfabetizando, o seu sujeito.” (FREIRE, p. 13, 1989). Como todo o processo de alfabetização, o educando necessitará de auxílio do educador. Porém, não deve anular a criatividade do aluno na construção da escrita, pois “a alfabetização é a criação ou montagem da expressão escrita da expressão oral” (FREIRE, p. 13).

Assim como Vickery (2014) destaca a importância de uma educação voltada às necessidades e habilidades da criança, Freire (FREIRE, p.17, 1989) reafirma quando cita que, “devemos respeitar os níveis de compreensão que os educandos estão tendo de sua própria realidade.”. Pois, ao impor nossa compreensão como educadores, refletiremos o autoritarismo ao invés da libertação.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para o desenvolvimento do presente artigo, inicialmente foram utilizadas referências de diversos autores como: Freire (1989), Vickery (2014), Katz (1999), Edwards (1999), Fernanda Roveri (2019), Rankin (1999) e Soares (2005).

Esses autores defendem o trabalho pedagógico a partir do interesse e realidade dos alunos. A fim de responder à pergunta de pesquisa “**Qual a importância de desenvolver o trabalho na perspectiva do letramento**”, foi realizada uma pesquisa qualitativa, ou seja, os dados foram coletados a partir de entrevistas gravadas pelas professoras. Para Yin (2016), este tipo de pesquisa permite um estudo aprofundado de um determinado tema, delimitando-se ao real interesse a partir da realidade. Vale ressaltar que os nomes das professoras e escolas, foram alterados para garantir o anonimato.

Devido à pandemia gerada pelo COVID-19, as escolas estão fechadas e, por este motivo, não foi possível a observação das aulas. Sendo assim, a professora responsável pela disciplina que conduz este artigo selecionou uma professora de educação infantil, uma de anos iniciais e outra de EJA. Elas receberam o questionário com perguntas, o qual foi gravado o relato e, a partir desse foi realizada a observação.

4 ANÁLISE DE DADOS

Buscando responder à pergunta de pesquisa **“Qual a importância de desenvolver o trabalho na perspectiva do letramento?”** que se embasa este artigo, os dados foram coletados a partir de relatos gravados por três professoras de modalidades diferentes. A primeira é Julia, professora de educação infantil da rede privada no município de Canoas. A segunda, é Fabiana, professora dos anos iniciais na rede municipal de Canoas e, último relato, foi da professora Marcia que desenvolve sua docência com o EJA. Cabe informar que os nomes são fictícios.

Primeiramente se faz necessário a conceituação de letramento, uma vez que este é relacionado erroneamente à alfabetização. Segundo Soares (2005), alfabetização é o ensino e aprendizagem da representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. E o “conceito de letramento surgiu de uma ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização”. (SOARES, p. 47, 2005).

Através destes conceitos, passou-se a refletir sobre além da capacidade das pessoas de lerem e escreverem. Portanto “já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária.” (SOARES, p.47, 2005).

Com base na BNCC (Brasil, 2017), as crianças da educação infantil desenvolvem competências, conforme o campo de experiência, sendo assegurado o direito de brincar, participar, conviver, explorar, expressar e conhecer-se. Sendo assim, a criança não será alfabetizada, mas se envolverá com práticas que desenvolvam suas habilidades manuais como, pintura e desenho, além de atividades artísticas como teatro e música. Compreendemos que estas atividades, assim como cita Freire (1989), possibilitam que a criança realize sua leitura e compreensão de mundo.

Julia, professora de educação infantil, ao relatar sobre as atividades de seu planejamento, ressalta que, devido às atividades extra curriculares:

A aula fica bem puxada, não que exigimos muito dos nossos alunos, de modo que tenham que fazer “correndo” para dar conta. Mas, é que acaba sobrando pouco tempo para a gente aplicar a nossa aula (...) isso acaba que, durante a semana, pesa bastante. (...) Por isso, devemos ser bem criativas. (...) Procuramos sempre colocar leitura, brincadeiras, dinâmicas. (...) Durante o projeto, a gente planeja todo o assunto do projeto de acordo com os interesses deles, eles que dão sugestões. A gente senta na roda com eles para conversar.

Julia demonstra interesse nas curiosidades de seus alunos, proporcionando-lhes a oportunidade de exporem suas ideias. “O professor, observando o potencial da ideia para

estimular o trabalho intelectual e o crescimento pelo grupo, como um todo, entra em cena para reafirmar a ideia em uma linguagem mais clara e mais empática.” (EDWARDS, p. 160, 1999).

Ao ser questionada sobre a característica principal da turma, Julia destaca a curiosidade, principalmente pelas letras. Acredita que na educação infantil é possível desenvolver nas crianças habilidades que as auxiliem, futuramente, na alfabetização.

Através do lúdico, eu acredito, que a gente possa criar uma base, muito, muito firme que vai ajudar depois na alfabetização. Tenho alunos, que vão sair praticamente alfabetizados da educação infantil(...) Eles já sabem me dizer as letras que inicia uma palavra, os sons.

Soares (2005) faz uma relação entre diferentes grupos de crianças, conforme sua apropriação da escrita. Ressalta que, apesar de algumas crianças não se apropriarem do sistema de escrita, se envolvem em práticas desse sentido.

Uma criança pode não ser alfabetizada, mas ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas pelos adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e escrita: toma um livro e finge que está lendo (SOARES, p.50, 2005)

Através do relato da professora Julia, é possível observar que as crianças estão inseridas no mundo letrado. Uma vez que participam de roda de histórias, realizam jogos para conhecer as letras e principalmente para se apropriarem da escrita compreendendo seu papel fundamental, a transmissão de uma mensagem.

Fabiana, professora do primeiro ano do ensino fundamental, demonstra preocupação na adaptação das crianças de educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental. Assim como destaca Roveri (2019), Fabiana busca uma continuidade da rotina anterior (educação infantil), marcada principalmente pela ludicidade. É através do lúdico que a professora desenvolve o seu trabalho de letramento.

Soares (2005) afirma que há vários aspectos que precisam ser desenvolvidos para a alfabetização. Podemos destacar “as capacidades motoras e cognitivas necessárias para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita” (SOARES, p. 21, 2005). A autora ainda destaca a importância do professor conhecer os fundamentos teóricos, para sua melhor formação. Fabiana afirma que para “*a alfabetização tem que haver uma mudança muito grande no cérebro das crianças*”.

A partir de seus estudos, Fabiana desenvolveu o “saco surpresa”, trabalhando de forma lúdica o reconhecimento das letras. Segundo a professora, “*as letras precisam ser gravadas em várias partes do cérebro, não só na questão visual.*” Como já citado neste artigo, na apreciação do relato da professora, ela introduz diversos objetos para trabalhar o alfabeto. É interessante pois, a forma como a professora conduz a atividade, trabalha além da alfabetização,

desenvolvendo o letramento. *“Dentro desse saco surpresa eu trago um objeto. E esse objeto começa com uma letra, né? Evidentemente. E cada dia a gente estuda e sistematiza uma letra”*. Ela relembra como foi a sistematização da letra “B” *“veio uma bola dentro do saco. As crianças não sabiam o que tinham lá dentro. Organizamos uma roda. Cada um colocou a mão no saco para descobrir o que havia lá dentro.”* Percebemos como a professora instigou as hipóteses das crianças, fazendo com que elas participassem ativamente de sua aprendizagem. Segundo Vickery (2014), “todas as disciplinas podem ser abordadas por meio de uma indagação ativa, se a abordagem for valorizada, incentivada e facilitada pelo professor.” (VICKERY, p.59, 2014).

Analisando nossa sociedade atual, percebemos que estar alfabetizado, ou seja, decodificar palavras, não é o suficiente. É necessário utilizar a escrita de forma competente (SOARES, 2005). Sendo assim, os alunos da professora Fabiana possuem aulas complementares que o auxiliam na compreensão do mundo letrado.

Eles têm 4 períodos por semana, que chamamos de PPA (Projeto Pedagógico Alternativo), com uma outra prô que trabalha com eles, junto comigo. E a gente tenta complementar o trabalho de alfabetização, tanto do letramento quando da alfabetização matemática. É um outro olhar, outro discurso, para poder enriquecer o trabalho com as crianças.

Segundo Vickery (2014), quando as crianças fazem parte do processo de aprendizagem, reconhecem que os conteúdos trabalhos são meios de explorar e de adquirir mais conhecimento. E através do saco surpresa, Fabiana explora nome dos colegas, sons, grupos de palavras, sempre levando em consideração as hipóteses apresentadas pelas crianças. Além disso, faz com que as crianças compreendam em qual situação é utilizada as letras, por exemplo. *“Fazemos muitas análises da nossa rotina. Onde usamos as palavras? Para eles começarem a entender, relacionar e a saber da importância da questão escrita.”*

Percebemos que Fabiana realiza uma construção significativa para seus alunos. Uma vez que, eles realizam a leitura do mundo, compreendendo o seu contexto, através de uma relação dinâmica ente linguagem e realidade (FREIRE, 1989).

Tanto Julia quanto Fabiana buscam proporcionar aos alunos atividades lúdicas com matérias manipulativas e, principalmente, do interesse das crianças. Além disso, os alunos relacionam o que foi desenvolvido pela professora com o seu cotidiano. Assim como as crianças passam pelo processo de alfabetização (compreensão da escrita) e pós-alfabetização (uso ortográfico da escrita), a turma de EJA também é dividida desta forma. Através do relato da professora Marcia, percebemos que os alunos com mais idade *“não sabem ler, não sabem escrever. Ou se sabem, é muito pouco”*. Alguns, nunca frequentaram a escola. Já os alunos

mais jovens, são alunos de pós-alfabetização que por, algum motivo, deixaram de frequentar a escola regular.

Ao ser questionada sobre os materiais utilizados na EJA, a professora lamenta que “*o material para a turma de alfabetização é bem complicado. Geralmente a gente encontra coisas muito infantis e tem que adaptar.*” A professora afirma que apesar de adultos, a alfabetização precisa conter letras e imagens. A utilização de revistas, mesmo que seja para recorte, já possibilita ao aluno a inserção no mundo letrado.

A professora realiza o planejamento semanalmente pois:

Surtem muitas questões, são muitos assuntos em alta. Os alunos trazem muitas coisas, temas, coisas que eles veem na TV. (...) Então o planejamento, tem muita base naquilo que é da realidade deles.

Assim como cita Freire (FREIRE, p.7), “a educação deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e construção da história”. Ao desenvolver o trabalho docente com base no interesse dos alunos, a professora possibilita uma aprendizagem ativa. O trabalho interdisciplinar desenvolvido pela professora, possibilita aos alunos muito mais do que a decodificação de palavras. Eles são instigados a interpretar textos, o que possibilita o trabalho de letramento.

Marcia aponta como maior dificuldade, os diferentes níveis encontrados na turma. Devido a este motivo, realiza diferentes planejamentos conforme a necessidade do educando. Segundo Vickery (2014, apud DRYDEN; 2005), o professor deve oportunizar a indagação colaborativa, enquanto envolve os alunos no planejamento de acordo com a capacidade de cada educando.

Através dos relatos, é possível perceber que todas as professoras desenvolvem seu trabalho a partir de projetos, que são significativos para os alunos. Assim como afirma Edwards (1999), o trabalho com projetos possibilita ao educando um sentido mais profundo de suas próprias experiências. Em todas as modalidades, as professoras compreendem os interesses e dificuldades dos educandos e, apesar das diferenças, recebem oportunidades de gerarem suas próprias indagações (VICKERY, 2014).

Uma vez que compreendemos a diferença entre alfabetização e letramento, percebemos a importância de desenvolver um trabalho no qual os educandos, compreendam a leitura e a escrita como uma prática social que está vincula ao nosso cotidiano. Infelizmente o Programa Nacional de Avaliação de Estudantes (PISA) de 2018 (INEP, BRASIL, 2019), indica que 50% dos jovens brasileiros não atingiram o mínimo de proficiência na leitura, ou seja, não são capazes de utilizar a escrita para se comunicar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos autores e relatos das professoras, compreendemos a importância de um trabalho docente voltado ao interesse do educando, visando o seu desenvolvimento como um todo, em qualquer modalidade de ensino. A partir de seus interesses, os alunos, compreendem o mundo ao seu redor, percebendo que os conteúdos que aprendem estão presentes em seu cotidiano.

Esse modo de ver a educação, fez com o que o conceito de alfabetização se delimita-se apenas a saber ler e escrever funcionalmente, ou seja, indivíduos declarados alfabetizados, mas que não são capazes de emitir uma mensagem ou interpretar o que leram. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde informações chegam a todo instante, há a necessidade de sermos letrados, ou seja, fazer uso das informações, interpretando-as e agregando significados.

Com base nisso, o presente artigo, visa mostrar a importância de uma prática voltada ao letramento, a partir de relatos gravados por professoras. A análise dos dados nos revela que o trabalho de letramento deve estar presente em todas as modalidades de ensino. O professor deve instigar a curiosidade e hipóteses dos alunos, conduzindo-os para a compreensão do mundo, sendo capazes de interpretar, argumentar e expor suas opiniões de forma coerente e coesa.

REFERÊNCIAS

EDWARDS, C. Parceiro, Promotor do Crescimento e Guia- Os Papéis dos Professores de Reggio Em Ação. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. P. 159-176.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

KATZ, L. O que podemos aprender com Reggio Emilia, In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. P. 37-55.

RANKIN, B. Desenvolvimento do Currículo em Reggio Emilia- Um Projeto de Currículo de Longo Prazo sobre dinossauros. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. P.195-216.

ROVERI, Fernanda Theodoro. Ensino Fundamental de nove anos: Rupturas com a Educação Infantil ou acolhimento das infâncias? *Revista Tempos e Espaços em Educação*. São Cristóvão, Brasil, v. 12, n 28, p 263-278, jan./mar. 2019.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: Caderno do Professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

VICKERY, Anitra. Criando uma cultura de Indagação. In: VICKERY, Anitra. *Aprendizagem Ativa Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. Porto Alegre: Penso, 2014

YIN, R.K. Compreendendo a pesquisa qualitativa. In: Yin, R. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso, 2016.